

O pássaro cai na rede

Romar Beling

O romance *A Valsa da Medusa*, de Valesca de Assis, começa com o nome do protagonista: Tristan Waldvogel. Como se vê nas palavras seguintes, ele chega apressado ao cais, ansioso para embarcar no vapor que seguirá para Rio Pardo, e que já está levantando âncora. O comandante, seu conhecido, admite sua chegada a bordo. A cena transcorre em Porto Alegre. O destino do personagem é a pequena colônia alemã de Santa Cruz, instalada no interior de Rio Pardo. Não é preciso muito mais para o leitor se localizar no tempo: estamos em meados do século XIX, e a comunidade de Santa Cruz só muito recentemente havia surgido.

O nome Tristan logo há de remeter a um xará famoso: o herói da saga *Tristão e Isolda*, uma das mais turbulentas histórias de amor da literatura universal, que rivaliza, guardadas variações de gênero, índole e época, com o *Romeu e Julieta* de Shakespeare. O *Tristão* clássico, em molde medieval, inspira os eflúvios do amor cortês e das cavalarias, e certamente vive mais peripécias. Mas o jeito de sentir de Tristan Waldvogel não é menos intenso, e nem menos complicado.

Apesar do peculiar cenário histórico, que constitui pano de fundo verossímil e muito apropriado ao enredo, *A Valsa da Medusa* é, basicamente, uma história de amor. Com sutileza, o título já o antecipa, remetendo o leitor à imagem mítica da mulher fatal, irresistível, que exige entrega. Quando se junta o título à sugestão do nome do protagonista, então, tem-se boa massa e bom fermento para a trama.

ESTRÉIA – Lançado em 1989, pela Movimento (com segunda edição, revista pela autora, em 1994), *A Valsa da Medusa* foi o primeiro livro de Valesca. E foi belíssima estréia. É um texto relativamente curto, uma centena de páginas, de leitura fluente e rápida, que mescla com eficiência os elementos ficcionais e os referenciais históricos. A pequena comunidade de Santa Cruz vai se descortinando ao natural, e as famílias de imigrantes, em seu isolamento e ansiosas quanto ao futuro, ganham voz e vida muito autênticas.

Há um quê de relato de viajante em muitas páginas de *A Valsa da Medusa*, o que realça o viés pitoresco e tem sabor irresistível. A alternância de ritmo, na construção do romance, permite ao leitor saltar da informação histórica ao drama íntimo das personagens. Estão ali as pequenas tragédias, o cotidiano estático, os dramas pessoais, os horizontes limitados (ainda assim mais aprazíveis do que os deixados para trás, na distante Alemanha), os obstáculos a serem enfrentados no âmbito dos lotes de cada colono, na infra-estrutura mínima e na dificuldade de acesso a Rio Pardo e a outros lugares.

Desfilam pelo romance figuras reais, como o historiador Robert Avé-Lallemant, que

chega a Rio Pardo no mesmo vapor em que vem Tristan. Lallemand, nas andanças pelo território brasileiro, de fato visitou a colônia alemã de Santa Cruz, por volta de 1858, como narra em seu Viagem pela Província do Rio Grande do Sul (disponível pela Itatiaia, de Belo Horizonte), o que talvez empreste um “olhar” panorâmico ao narrador de Valesca.

Ao lado de Lallemand, entre as famílias de colonos, é possível flagrar o agrimensor João Martinho Buff, responsável pela demarcação dos lotes de terra, e que, já então, era uma espécie de “autoridade superior da Colônia.” Ou seja, o contexto histórico está muito bem-definido, proporcionando um passeio no tempo

Habitat do herói

Todos os elementos de A Valsa da Medusa se rendem – ou se dobram – ao impulso da paixão de Tristan pela bela e singela Pauline. Paixão proibida, de semblante trágico (e por isso mesmo mais irresistível), que ata o fio da história de vida do protagonista ao vaticínio da mãe: “Tristan será seu nome, porque nascido da minha tristeza...”

Solitário por essência, o ex-brummer Tristan encarna a angústia do isolamento, do desconforto, da melancolia, da busca por um sentido para a vida, traduzida no sobrenome (Waldvogel, em alemão, significa “pássaro do mato”). Brummer (“rezingão”) é como são conhecidos os soldados alemães que lutaram pelo Brasil na Guerra do Paraguai. Muitos deles, ao final do conflito, permaneceram no País. Tristan nem parece um brummer, comenta Avé-Lallemand.

Em meio aos inóspitos matagais da região de Santa Cruz na época, essa “ave arredia” bem que teria mesmo encontrado um habitat natural. O problema é que não resistiu à dança da medusa, sempre tão fatal, sempre tão emoliente; dança que, encenada nos limites de uma vida tão insípida quanto a da colônia recém-criada, ganha movimentos universais. O pássaro, em seu vôo trágico, cai na rede. E debater-se é ainda pior.

A santa-cruzense Valesca de Assis, colunista da Gazeta do Sul, voltaria ao gênero romance em 1992, com A Colheita dos Dias (também lançado pela Movimento), e em 2000, com Harmonia das Esferas (pela WS Editor). Guardados os méritos individuais de cada texto, A Valsa da Medusa é simplesmente encantador. São páginas que não se esquece: elas tematizam as agruras, os dramas, os dissabores e os sonhos, plenos de esperança, do imigrante que se aventura em terra desconhecida. Mas evidenciam, em alto-relevo, o amor, talvez a força propulsora de tudo, no começo e no fim das contas.

8-9 de setembro de 2007 – Gazeta de Santa Cruz, Magazine